

ESTEREÓTIPOS DA MIGRAÇÃO PRODUZIDOS PELO DISCURSO DA MÍDIA IMPRESSA NACIONAL

Resumo: O presente trabalho analisa o discurso jornalístico da mídia impressa nacional em relação à migração, demonstrando a influência da globalização no crescente fluxo migratório forçado. No desenvolver deste artigo, tenta-se mostrar que o discurso dos *mass media* é resultado do pensamento da elite dominante que contribui na criação de estereótipos pejorativos acerca do migrante, sobretudo quando pertence ao grupo dos excluídos pelo sistema hegemônico vigente.

Palavras-chave: Migração; Estereótipos Pejorativos; Globalização; Ideologia; Identidade;

Irmã Eléia Scariot, mscs *

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo identificar estereótipos pejorativos presentes nos discursos da mídia impressa brasileira [Veja, Exame e Istoé] a partir da situação sócio-econômica do migrante no contexto de uma sociedade que exclui e fragmenta a identidade da pessoa. Para isso, usaremos Néstor García Canclini, Octavio Ianni, Joan Ferrés e Adilson Citelli, autores reconhecidos na área da comunicação e da sociologia.

Estereótipos da migração é um tema relevante pela sua atualidade. Diariamente, centenas de milhares de pessoas ingressam em outros territórios visando melhor qualidade de vida. São seres humanos que, mesmo enxotados para as periferias dos grandes centros urbanos pela globalização, insistem em salvar a própria vida e a de suas famílias. Alguns *mass media* mascaram a realidade dos fatos e acontecimentos, ao abordar a questão migratória desvinculada dos problemas econômicos ocasionados pelo sistema vigente, globalizado e neoliberal.

Justifica-se, também, a relevância desse tema, porque o público receptor é largamente influenciado pela mídia. Por isso, olhamos para o imigrante a partir de rótulos preestabelecidos pelos meios de comunicação – os estrangeiros são responsáveis pelo aumento da violência nos grandes centros urbanos, a pobreza é causada pela imigração, que

satura os serviços públicos, gerando desemprego e ameaçando a ordem social – e não mais os enxergamos como seres humanos livres e, como tal, com direitos e deveres em qualquer país onde se estabelecerem. Nesse sentido, a migração é um dramático problema econômico e social que violenta a dignidade da pessoa humana que é forçada a migrar.

1. Migração num contexto globalizado

Os ciclos econômicos da cana, do ouro, da borracha e da indústria, entre outros, fazem parte da história do Brasil, e mostram claramente que os migrantes se deslocam, quando ficam sabendo que em determinada região, país ou cidade há emprego. Ao pisar na nova terra, quase sempre, deparam com tecnologias automatizadas. Como a maioria dos migrantes não tem mão-de-obra qualificada, torna-se impossível conseguir um trabalho fixo, bem remunerado. Assim, cada vez mais, são excluídos, empilhados nas periferias dos grandes centros urbanos, formando cinturões de miséria.

O desespero se instala quando não conseguem sobreviver na terra natal e acabam forçados a migrar. Essa luta incansável por trabalho e moradia acompanha a rotina de milhões de pessoas em todos os cantos do Planeta Terra. Segundo dados do IBGE, cerca de um terço dos trabalhadores brasileiros sobrevive com até R\$ 100 mensais. Assim, o abismo que separa ricos e pobres é cada vez mais evidente e vergonhoso para um país que possui tantas riquezas como o Brasil. “A crise no mundo do trabalho é apenas uma das faces da falência social diretamente relacionada ao fenômeno chamado neoliberalismo. Muito presente em discursos políticos, principalmente de esquerda, é responsável por conseqüências sentidas por toda a classe trabalhadora.”¹

Conforme o clássico texto *Balanço do Neoliberalismo*, de Perry Anderson,² essa teoria econômica criada logo depois da Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de ajudar o Estado, estimula a produção e a economia do sistema capitalista. Nesse sentido, quando o Brasil ingressou na perversa lógica do neoliberalismo, adotando um estilo moderno e competitivo próprio da economia internacional, intensificou a miséria.

A globalização gera sérios mecanismos de exclusão social, segundo Suess, além de produzir a “síndrome cultural da mesmice.”³ Isso acontece, sobretudo, nos países frágeis em âmbito econômico e político.

* Jornalista, presidente do Centro de Atendimento ao Migrante – CAM, Caxias do Sul – RS.

¹ Medeiros, Duarte, 2002, p.18.

² Perry apud Medeiros, Duarte, 2002, p.18.

³ Suess, 2001, p. 258.

A globalização enquanto expansão econômica e liberação do sistema político-financeiro de sua responsabilidade social, não une a humanidade. Pelo contrário, acentua a divisão, a segregação e a exclusão. O inglês e o dólar unem somente as elites. Sob o escudo da legalidade virtual que substitui a justiça real, e amparado pelos meios de comunicação, o neoliberalismo [...] nos faz confundir um suposto mundo “sem fronteiras” com um mundo real “sem limites”, onde lucro e rentabilidade impõem duras normas, valores e perspectivas [...] O tempo “sem-limites” e o “pós-tudo” produziu o mundo dividido entre os “sem-nada” e os “com-tudo.”⁴

Nesse sentido, Vizentini salienta que a globalização não é apenas um fenômeno que abre simultaneamente para as economias das nações, resultando numa “mundialização homogênea”, mas é também seletiva, porque se interessa pelas nações ricas e em seus segmentos sociais. Por isso,

A globalização nada mais é que o estágio superior do imperialismo americano, camuflado de neoliberalismo. Essa fantasia intelectual orquestrada é tão charmosa quanto quixotesca. O moinho dos ventos da globalização estaria instalado no salão oval da Casa Branca. Do caubói Reagan ao pistoleiro Bush. Ou seja, a globalização não passa de uma diabólica criação da diplomacia americana [...] O mesmo ninho da águia, segundo esse mesmo pensamento único, teria cuidado da postura dos ovos do neoliberalismo em terras alheias.⁵

Um sistema que exclui. Assim Suess define a globalização. O autor considera que esse sistema é como um câncer, porque destrói as células boas para se alimentar. Como a lógica neoliberal trabalha apenas com duas categorias, que são a mercadoria e os clientes, entende-se que o ser humano, sobretudo o pobre, não participa dessa lei quando não produz e nem consome.

A pauperização não se refere apenas às pessoas de baixa renda, sob a ótica de Suess, mas também inclui assuntos ligados diretamente ao grupo dos “sem escola”, “sem teto”, “sem dinheiro”, “sem terra”, “sem saúde”, além de questões de desemprego e falta de segurança. Ele diz ainda que, devido à exclusão e ao crescente desemprego, assiste-se a um intenso movimento migratório, buscando-se, muitas vezes, simplesmente uma forma de sobrevivência, quando não se vislumbra a possibilidade de uma vida digna. “A mobilidade de pessoas entre países tem diferentes caras e uma delas é, justamente, as emigrações em

⁴ Suess, 2001, p. 258-259.

⁵ Beting, 2003, p. 17.

massa de cidadãos que, por razões políticas ou econômicas, abandonam seus países em busca de melhores condições de vida.”⁶

Quijano apud Ianni descreve que “a migração é, quase, uma condição humana contemporânea. E as migrações não são somente mão-de-obra, mas universos culturais que também penetram e reconstituem os centros do poder global [...]”⁷

O pluralismo cultural, na concepção de Suess, é uma consequência da migração e também resultado conquistado pelos migrantes, que reivindicam seus direitos. Para ele, a exclusão é a nova bandeira acrescentada pela globalização, porque descarta várias categorias de pessoas, como as pobres, idosas ou migrantes.

1.2 Algumas causas da imigração

Fugir da violência, da seca, da guerra, da violação dos direitos, da ameaça à sobrevivência, da perseguição política, dos conflitos culturais, de calamidades e buscar condições de vida mais adequadas são alguns dos motivos que movem os pés, os pensamentos e os corações de milhões de pessoas, no vasto universo.

O que rege a migração é a tendência inata de lutar para salvar a vida. O migrante chileno Morales, conta que se soubesse que teria de enfrentar tantas dificuldades no Brasil, não teria saído de seu país de origem, arriscando a própria vida e a da família. O estrangeiro chora e balbucia, dizendo que não pode ficar triste, nem se amarrar na tristeza, porque cinco pessoas dependem dele.

Quando o migrante é forçado a partir de uma cidade a outra, de um país a outro, lhe está sendo negado o direito de escolher livremente onde quer se instalar. Perde também o direito de estruturar sua identidade a partir de vivências e história próprias.

1.3 Alguns estereótipos

Para o publicitário francês Jacques Séguela apud Ferrés, o estereótipo não contribui para a compreensão da realidade, antes para sua confusão. Conforme ele, “a falácia do estereótipo reside em que, sob a aparência de comunicação, ele isola; sob a aparência de informação, desinforma.”⁸

⁶ Rizzo, 2002, p. 8. [Tradução de Eléia Scariot]

⁷ Quijano apud Ianni, 1999, p. 159.

⁸ Jacques Séguela apud Ferrés, 1998, p. 140.

Citelli ensina que os estereótipos são esquemas já consagrados. Quando se observa uma pessoa engravatada, conclui-se que é honesta e bem sucedida. A aparência acaba convencendo. Assim, entende-se por que, tantas vezes, aceitamos o estereótipo do “pobre violento”, do “imigrante ilegal”, do “mexicano sujo e bêbado” e tantos outros que se infiltram em nossa mente como verdades absolutas. A persuasão não é somente uma forma de enganar, mas também a consequência de um discurso bem organizado e aparentemente verdadeiro que o público recebe sem questionar, porque não lhe é permitido questionar estruturas midiáticas já consagradas.

As matérias divulgadas na mídia impressa nacional, segundo Key, condicionam a opinião pública a ver o migrante como estereótipo e não mais como ser humano. Sob o domínio da indústria cultural, até as relações interpessoais são moldadas a partir de estereótipos.

Sempre que alguém é categorizado, rotulado ou tem seu papel definido – estereotipado – comportamentos, características e ações são esperados. Dentro de todo sistema cultural, espera-se que vários grupos se comportem de certa maneira mais ou menos específica. Se eles falham em corresponder, uma variedade de reações pode ser antecipada – surpresa, raiva, desapontamento, temor ou mesmo desgosto. Se as expectativas foram respondidas de forma inconsciente, a reação é imprevisível, mas provavelmente será agressivamente negativa.⁹

A mídia distorce a imagem da migração, atribuindo-lhe a culpa de muitos males que afetam a sociedade. Sabe-se, contudo, que o ato de migrar não se constitui numa chaga para o país receptor. Os *mass media*, aliados a interesses ideológicos do capital, divulgam que o desemprego, a precariedade nos serviços de saúde, educação, moradia e setores públicos da sociedade são decorrentes do impacto da mobilidade humana. Entretanto, pesquisas revelam que o migrante não é um peso, nem estorvo para os serviços sociais. Ao contrário, ele contribui, e muito, para o aumento do capital. Assim mesmo, percebe-se que os países receptores impõem duras normas para os estrangeiros sempre privilegiando os interesses da elite dominante.

Os países de Primeiro Mundo acolhem de braços abertos turistas, cientistas e profissionais altamente qualificados que poderão contribuir para seu crescimento. Para os excluídos, restam apenas os serviços que os patriotas se negam a executar.

⁹ Key, 1990, p. 237.

Os governantes das nações desenvolvidas também utilizam estratégias para expulsar os migrantes clandestinos de seus territórios. Todavia, eles têm interesse na imigração, sobretudo para enfraquecer suas identidades nacionais, oferecendo-lhes apenas subempregos. As portas para a dominação econômica se abrem nesse contexto de identidades nacionais que estão cada vez mais enfraquecidas.

Só no ano passado, 491 mexicanos morreram tentando atravessar desertos e rios americanos. Uns morreram no caminho, por cansaço, desidratação ou frio. Outros foram abandonados no meio do nada pelos chamados *coyotes*, homens que cobram até US\$ 2.500 de cada migrante pelo trabalho de conduzir as pessoas através da fronteira. Até 22 de junho deste ano, mais 157 morreram.¹⁰

Nesse contexto, visualiza-se um triste cenário de migração forçada que acaba em morte. Insensível diante dos acontecimentos, a mídia hegemônica “cria” realidades, com informações sensacionalistas. Parece ser mais lucrativo apresentar o migrante como um empecilho para o crescimento e desenvolvimento econômico de um país. E o público, geralmente, absorve como uma esponja as informações que os meios de comunicação hegemônicos veiculam, justamente porque eles não dão espaço para pensar. Seu discurso é intimidador e persuasivo. E as palavras são cuidadosamente escolhidas.

Assim, percebe-se o controle que a mídia exerce sobre o imaginário social, privilegiando, como sempre tem feito, a elite hegemônica, já que a grande mídia está em suas mãos e a seu serviço. Um exemplo do poder dos meios de comunicação é o 11 de setembro que [noticiado em larga escala, sob a ótica dos *mass media* dominantes] sensibilizou e comoveu o mundo inteiro. Chomsky, ao abordar esse acontecimento, nos reporta para um outro mais cruel, afirmando que a mesma mídia emudeceu quando do ataque terrorista contra a Nicarágua muito, com dezenas de milhares de pessoas assassinadas, o país foi destruído e com pouca probabilidade de ser reconstruído. por que a mídia não noticiou o fato da mesma forma como o fez com o 11 de setembro? Ela não nos responderia, certamente, mas é notável, conforme Chomsky, que os meios de comunicação têm interesse em controlar as pessoas para que elas não se organizem. Elas precisam “ficar isoladas, segregadas e sozinhas. Não se espera que elas se organizem, porque então poderão querer ser alguma coisa além de meros espectadores da ação.”¹¹

¹⁰ Majella, 2002, p. A15.

¹¹ Chomsky, 2003, p.21.

Lippmann apud Chomsky chama de o *rebanho assustado* [grifo da pesquisadora] a multidão de pessoas que não analisa, não toma decisões, não executa e também não atua no sistema econômico, ideológico e político.

O princípio moral é o de que a massa da população é simplesmente estúpida demais para ser capaz de entender as coisas. Se ela tentar participar na condução de seus próprios assuntos, vai apenas causar problema. Portanto, seria imoral e incoseqüente lhe permitir fazer isso. Temos que domar o “rebanho assustado”, não permitir que ataque, pisoteie e destrua coisas.¹²

Essa afirmação de Chomsky, além de nos fazer entender que o crescente número de marginalizados nos países subdesenvolvidos ameaça a globalização, nos faz pensar também que o “rebanho assustado” não tem direitos, apenas deveres a cumprir e ordens a obedecer. Embora essa comunicação aconteça mais em nível inconsciente, começamos a ligar os pontos e compreender que em nome da ordem e da paz, são dizimados grupos inteiros através de armas químicas e biológicas, além de distorcer sua verdadeira imagem. A culpa recai sempre sobre os excluídos que não têm espaço na mídia para contar sua versão dos fatos e não podem, assim, preservar sua própria identidade. Nesse contexto, acaba predominando “a multidão de trabalhadores, populações ou coletividades nacionais, dispersas em grupos, etnias, minorias, classes, regiões, culturas, religiões, seitas, línguas, dialetos, tradições, todos membros de uma estranha aldeia global.”¹³

1.4 Estereótipos para destruir

Às vezes, os efeitos dos estereótipos marginalizam grupos de forma muito cruel. Os latino-americanos estão entre os primeiros da lista. Mas também os negros ou índios ou estrangeiros ou pobres e desempregados recebem o rótulo de inferiores. São banalizados em suas expressões culturais, em seus hábitos e costumes. O estereótipo persegue o povo mexicano, classificando-o de bêbado, sujo, fracassado e transgressor das leis vigentes, quando ingressa num país, sem possuir documentação, em busca de trabalho.

Nesse sentido, segundo Ricoeur, uma das característica da ideologia é apresentar inércia em relação ao tempo. Existem dois processos ideológicos diferentes: um de direita [conservador e dominante] e outro de esquerda, que desestabiliza, pensa e questiona. Nesse sentido, o novo gera perigo para o sistema de dominação. Quando alguém consegue

¹² Ibidem p. 17.

¹³ Ianni, 1999, p. 115.

derrubar uma justificação, derruba igualmente sua ideologia. Ricoeur vê também na ideologia a função de dominação e deformação.

Althusser apud Brandão afirma que a classe dominante, para continuar no poder, cria formas de eternizar ou reproduzir a exploração das pessoas através de questões ideológicas, materiais e políticas. Nesse panorama, a função do Estado é intervir ou pela repressão ou pela ideologia, utilizando

seus Aparelhos Repressores – ARE – (compreendendo o Governo, a administração, o Exército, a política, os tribunais, as prisões, etc.) e Aparelhos Ideológicos – AIE – (compreendendo instituições tais como a religião, a escola, a família, o Direito, a política, o sindicato, a cultura, a informação), [...] tentando forçar a classe dominada a submeter-se às relações e condições de exploração.¹⁴

Ianni ensina que se é verídico que a globalização caminha em passos acelerados, generalizando-se em diversos espaços do globo, também é verdadeira a ocorrência de estancamentos e recuos/distorções. O sistema global que está em andamento é responsável pelos grandes antagonismos e pelo abismo que há entre ricos e pobres. Na sociedade global crescem as desigualdades e surgem grupos alternativos que lutam para sobreviver em meio a essa selva.

Nesse contexto neoglobalizado, pretende-se identificar elementos que apontem a força que os meios de comunicação de massa têm para construir e destruir grupos sociais através dos estereótipos que fabricam. Segundo Ferrés,

O estereótipo pretende, antes de mais nada, facilitar uma interpretação cômoda e reconfortante de uma realidade que, geralmente, apresenta-se ameaçadora [...] O estereótipo é um mecanismo de defesa diante da ameaça de uma realidade complexa, ambígua, contraditória. [...] o uso de estereótipos ajuda a reduzir a incerteza. Os estereótipos contribuem para potencializar a sensação de que se tem controle da realidade, de que esta pode ser conhecida, entendida, explicada, dominada.¹⁵

Publicações midiáticas impressas estereotipam os migrantes, incutindo em nossa mente o paradigma de que a morte de dezenas deles é algo normal, natural. O Serviço de Imigração e Naturalização (INS) apresenta estatísticas de 1998, revelando “que 254 migrantes morreram tentando atravessar a fronteira, 84 se afogaram, 84 morreram de exposição ao sol. Os demais morreram de causas não especificadas, mas as autoridades calculam que uns sofreram acidentes de carro e outros morreram de frio ou de fome.”¹⁶

¹⁴ Althusser apud Brandão, 1998, p.21-22.

¹⁵ Ferrés, 1998, p. 137.

¹⁶ Milesi, 2000, p. 122.

Precisa-se ter visão crítica para perceber por que a ideologia dominante está presente nas entrelinhas do discurso midiático, de forma tendenciosa. Analisando as palavras empregadas, pode-se identificar a intenção ideológica de quem escreveu a matéria, para quem e ancorado em qual ideologia.

Segundo Chauí, “a ideologia é o processo pelo qual as idéias da classe dominante se tornam idéias de todas as classes sociais, se tornam idéias dominantes.”¹⁷ Essa afirmação contribui na identificação de estereótipos presentes nos discursos da mídia impressa brasileira que, sem sombra de dúvida, transmitem o pensamento da elite como o único correto e, portanto, reproduzido em larga escala.

Chauí ensina que

A ideologia não tem história, mas fabrica histórias imaginárias que nada mais são do que uma forma de legitimar a dominação da classe dominante, compreende-se por que a história ideológica (aquela que aprendemos na escola e nos livros) seja sempre uma história narrada do ponto de vista do vencedor ou dos poderosos. Não possuímos a história dos escravos, nem a dos servos, nem a dos trabalhadores vencidos – não só suas ações não são registradas pelo historiador, mas os dominantes também não permitem que restem vestígios (documentos, monumentos) dessa história. Por isso os dominados aparecem nos textos dos historiadores sempre a partir do modo como eram vistos e compreendidos pelos próprios vencedores.¹⁸

Por isso, muitas vezes, as ideologias não correspondem às reais necessidades de suas populações. Ricoeur apud Brandão acredita que a linguagem é a própria ideologia materializada. Ele analisa o conceito de ideologia a partir de suas funções. Para Ricoeur, a ideologia tem a função de deformar, fazendo um

recorte da realidade, embora, por um mecanismo de manipulação, o real não se mostre na medida em que, intencionalmente, se omitem, atenuam ou falseiam dados, como as contradições que subjazem às relações sociais. Seleccionando, dessa maneira, os elementos da realidade e mudando as formas de articulação do espaço da realidade, a ideologia escamoteia o modo de ser do mundo.¹⁹

¹⁷ Chauí, 1981, p. 92.

¹⁸ Idem, p.124.

¹⁹ Ricoeur apud Brandão, 2000, p. 27.

Teorias da comunicação, como *Gatekeeper*²⁰ e *Espiral do Silêncio*²¹, levam-nos a pensar sobre a influência da mídia na vida das pessoas. Uma pesquisa realizada por McClure e Patterson apud Wolf sobre a campanha presidencial americana de 1972, faz uma importante descoberta no que diz respeito à hipótese do *agenda-setting* e que se refere ao consumo de informações televisivas e escritas: os noticiários televisivos revelaram que tiveram fracos efeitos sobre os telespectadores, porque as notícias são transmitidas de maneira muito rápida, o que contribui para que o efeito de *agenda-setting* não seja significativo, ao passo que a informação escrita possibilita aos seus consumidores influência a longo prazo.

1.5 Identidade fragmentada

Canclini estabelece que pertencer a uma nação é ter uma identidade que se restringirá aos costumes, língua e outros valores culturais. Isso torna a identidade distinta das demais. “Quando se esvaem as regras para exercer o direito à cidade, quando a apropriação dos empregos e dos serviços se perde entre arbitrariedades políticas e corrupções, muitos habitantes procuram proteger-se através de agrupamentos setoriais, subordinando-se a paternalismos caudilhistas ou religiosos.”²²

²⁰ **Gatekeeper** – O conceito de gatekeeper (selecionador) foi elaborado por Kurt Lewin, num estudo de 1947 sobre as dinâmicas que agem no interior dos grupos sociais, em especial no que se refere aos problemas ligados à modificação dos hábitos alimentares. Identificando os “canais” por onde flui a seqüência de comportamentos relativos a um determinado tema, Lewin nota que existem neles zonas que podem funcionar como “cancelas”, como “porteiro”: o conjunto das forças, antes e depois da zona filtro, é decididamente diferente, de tal forma que a passagem, ou o bloqueio, da unidade através de todo o canal depende, em grande medida, do que acontece na zona filtro. Isso sucede não só com os canais de alimentação mas também com a seqüência de uma informação, dada através dos canais comunicativos, num grupo” controladas por sistemas objetivos de regras ou por “gatekeepers”. Neste último caso, há um indivíduo, ou um grupo, que tem “o poder de decidir se deixa passar a informação ou se a bloqueia” (Wolf, 1987, p. 159-160).

²¹ **Espiral do Silêncio** é a teoria da comunicação que admite a existência de dois tipos de opinião e de atitudes: estáticas (costumes, tradições culturais, etc.) e geradoras de mudança (filosofia de ação, etc.). As pessoas definem-se em relação às opiniões e atitudes estáticas por acordo e adesão ou por desacordo e afastamento. As pessoas, desejosas de popularidade e com o objetivo de evitar o isolamento, são bastante cautelosas em relação às opiniões e atitudes geradoras de mudança, geralmente, expressam-se quando a mudança se dá no sentido das suas opiniões e/ou quando sentem que há receptividade pública para a expressão dessas opiniões. Geralmente, silenciam-se quando a mudança se está a dar no sentido contrário ao das suas opiniões e/ou quando sentem que não há receptividade pública para a expressão de opiniões. Assim, dá-se um processo em espiral: ESPIRAL DO SILÊNCIO. Além disso, as pessoas tentam evitar o isolamento. Por isso procuram expressar-se dentro dos parâmetros da maioria e tendem a silenciar-se quando pertencem ou julgam pertencer a correntes de opiniões minoritárias. Os meios comunicação exercem uma influência forte e direta, provocando mudanças de opinião e de atitudes. Acontece também a estereotipização da informação devido às técnicas interpretativas da realidade que reduzem a complexidade do real (Ávila, 2002).

²² Canclini, 1999, p. 108.

Contudo, o impacto da globalização acarreta a mudança das identidades culturais nacionais. Esse sistema econômico, que coloca o lucro no centro, é responsável também pela fragmentação da identidade cultural da pessoa. Às vezes, afirmamos que somos italianos, espanhóis ou indígenas ou africanos. Essa é uma linguagem figurada. Não foram impressos traços da identidade no genes do ser humano. Além disso, todos deveriam ter a mesma dignidade. Porém, os migrantes pobres recebem um tratamento desumano. Uma publicação da revista *Veja* diz que é preciso “evitar que vagabundos renitentes [é assim que a matéria se refere aos migrantes] voltem ao albergue muitas vezes seguidas [...] Os rigores da vida nas ruas, contudo, ensinaram como driblar o rodízio forçado dos miseráveis. Basta inventar um outro nome, jurar ter perdido os documentos. Em se tratando de homens sem identidade, quase sempre dá certo.”²³

“Vagabundos”, “miseráveis” “homens sem identidade”. São apenas alguns dos estereótipos que a mídia atribuiu aos migrantes pobres, do interior do Brasil. A matéria é farta de rótulos pejorativos com relação a eles. “A identidade é uma construção que se narra. Estabelecem-se acontecimentos fundadores, quase sempre relacionados à apropriação de um território por um povo ou à independência obtida através do enfrentamento dos estrangeiros.”²⁴

Conforme Prencipe²⁵, a mídia trata os migrantes como miseráveis, vítimas do sistema vigente, infelizes, além de enfatizar que o país receptor jamais aceitaria a idéia de conviver com eles. A mídia degrada a imagem do migrante através da “fabricação” de estereótipos como, por exemplo: o migrante é “bom” ou o migrante é “mau”. O clandestino, o indocumentado é considerado o “mau.”

Se a mídia [...] não reflete os dados reais da sociedade, mas os exacerba, os distorce ou os oculta, os imigrantes, por sua vez, sentem-se mal representados e sub-representados [conforme o original] na maior parte da mídia do país de adoção: para eles, a mídia não reflete a diversidade cultural da sociedade, mas sim a falta de abertura desta sociedade a seu respeito. Estatisticamente, os imigrantes e estrangeiros são fortemente marginalizados no conjunto do universo midiático, o que acarreta conseqüências importantes em termos de sentimento de exclusão e de falta de modelos de identificação.²⁶

²³ Pastore, 1994, p. 55.

²⁴ Canclini, 1999, p. 163.

²⁵ Lorenzo Prencipe é diretor do CIEMI – Centre d’ Information et d’ Études sur les Migrations Internationales/Paris.

²⁶ Prencipe, 2002, p.39.

Um dos efeitos mais nocivos, nesse contexto de culturas nacionais, é querer agrupar todas as diferenças para formar apenas uma identidade. Por trás dessa ideologia, esconde-se um racismo destrutivo que age em nome de uma identidade nacional unificada e homogênea.

Se forem subtraídas as apresentações culturais, Prencipe afirma que os migrantes serão reduzidos e, freqüentemente, relacionados a problemas criminais. O risco consiste no poder de influência que a mídia exerce, moldando opiniões, comportamentos e percepções, além de contribuir para a “criação” de uma sociedade irreal.

Além das representações deliberadamente negativas acerca dos migrantes, muitos preconceitos e estereótipos devem-se ao reduzido conhecimento que os *mass media* têm sobre a migração.

Prencipe ensina que falar é agir, porque as palavras se personificam em atos. Na história, são inúmeros os exemplos, ilustrando que as palavras também podem matar tanto quanto as armas. Para a evolução política acontecer é necessário que surjam novas palavras. O emprego coerente e responsável dos vocábulos continua desafiando a mídia na batalha contra os estereótipos.

Paul Bouchet, citado por Prencipe, diz que a migração não é apenas um assunto atual, mas indicador qualitativo da democracia de uma sociedade. O mal-estar dos meios de comunicação reflete o mal-estar da sociedade em geral, quando não aceita o fenômeno migratório como um dos principais elementos que a constitui.

Em terra estranha, Hall afirma que a cultura nacional

constrói identidades que são deslocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro [...] As culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele “tempo perdido”, quando a nação era “grande”; são tentadas a restaurar as identidades passadas [...] esse retorno ao passado oculta uma luta para mobilizar as “pessoas” para que purifiquem suas fileiras, para que expulsem os “outros” que ameaçam sua identidade e para que se preparem para uma nova marcha para a frente.²⁷

São muitas as razões que desencadeiam sentimentos de exclusão nos migrantes. Mas, geralmente, o pivô é a ideologia do discurso da elite hegemônica, que desperta sentimentos xenófobos. A comunicação deveria ter a finalidade de ajudar o migrante a entender a sociedade da qual ele agora faz parte, alcançando informações sobre seu país de

²⁷ Hall, 2001, p. 56.

origem, mostrando para a sociedade de adoção quem realmente são os migrantes e permitindo que ela compreenda a multiculturalidade que já se instalou em seu meio.

Laclau apud Rizzo diz que “em muitos países do Terceiro Mundo, por exemplo, o desemprego e a marginalidade social desembocam em identidades sociais destroçadas em nível da sociedade civil e em situações nas quais o mais difícil é construir um interesse, uma vontade para ser representada dentro do sistema político.”²⁸

Nesse contexto de globalização, tanto as identidades, como as raças e classes, estão se desagregando, passando ao anonimato. As pessoas correm o risco de perder seu significado e reconhecimento. No livro *O poder da identidade*, Harris apud Castells expressa a desagregação étnica através de um *Hino de louvor aos irmãos anônimos*:

Vejo 100 negros... Vejo você aprisionado. Vejo você enjaulado. Vejo você domado. Vejo você sofrendo. Vejo você enfrentando. Vejo você brilhando. Vejo você querendo. Vejo você precisando. Vejo você desrespeitado. Vejo você sangue. Vejo você aleijado. Vejo você irmão. Vejo você sóbrio. Vejo você amado. Vejo você paz. Vejo você em casa. Vejo você ouvir. Vejo você amar. Vejo você nas coisas. Vejo você com fé. Vejo você consciente. Vejo você desafiado. Vejo você mudar. Vejo você. Vejo você. Vejo você... Definitivamente quero ser você.²⁹

Não só no migrante negro, mas em todos aqueles que são obrigados a abandonar suas pátrias, pode-se ver a exclusão e a discriminação que massacra os valores étnicos. Essa prática etnocidária³⁰, acaba anulando as diferenças culturais e, por conseguinte, a própria identidade do ser humano. Percebe-se que quando o estrangeiro não encontra espaço para viver seus costumes, crenças e tradições, em pátria distante, o seu próprio espírito é assassinado.

1.6 Uma ideologia dissimulada

Uma das funções da ideologia, conforme Ricoeur, é dominar através da utilização de um sistema que prioriza o poder hierárquico para interpretar e justificar seus próprios interesses autoritários.

²⁸ Rizzo, 2002, p. 7.

²⁹ Harris, Peterj. apud CASTELLS, 1999, p. 71.

³⁰ Etnocídio é matar o espírito de um povo, aniquilar suas peculiaridades e expressões identitárias, anulando sua cultura, com todas as suas formas de manifestação, além de impor a cultura hegemônica americanizada, através dos *mass media* dominantes.

Essa imagem que se cria do mundo, comunicada através de discursos desse modelo, segundo Ricoeur, é o recorte que a classe dominante, geralmente, faz para exercer seu poder, comprometendo a imagem verdadeira da realidade. Ele também relaciona o conceito de ideologia com as noções de mentira, ilusão e erro. “Por falta de oportunidade na terra natal, 22 milhões de mexicanos vivem nos Estados Unidos, boa parte como imigrantes clandestinos. É um paradoxo tremendo. Por intermédio do Nafta, o México sente o gostinho do Primeiro Mundo.”³¹

Nas entrelinhas da reportagem publicada na Veja foi possível verificar a existência de dois países. Os Estados Unidos aparecem como generoso, acolhedor, enfim aquele que proporciona dignidade ao ser humano. O México é apresentado como invasor, transgressor, sendo que os mexicanos ingressam nos EUA para trabalhar sem documentação legal.

Para Ricoeur, “a ideologia perpetua um ato fundador inicial.”³² Essa perpetuação confere uma imagem do grupo a ele mesmo. Por exemplo, a eugenia diz que os latinos têm a cor suja. Os colonizadores e conquistadores, desde a colonização, dizem que são melhores que os indígenas. Assim, dizimaram povos, grupos inteiros. Eles buscam uma justificação, para se manter no poder, mascaram a verdade através dos meios de comunicação de massa, que estão sob seu domínio.

Para Althusser, a ideologia assume um caráter moldador das ações – aqui entram as leis, a justiça, os tribunais – materializando-se em atos concretos. Ideologicamente, quando uma pessoa transgredir as normas estabelecidas pela sociedade, os ARE atuam, condenando-a ou punindo-a. O fazer jornalístico se concretiza numa ideologia e por meio dela.

A ideologia é dinâmica e motivadora, para Ricoeur, porque estimula a *praxis* social tornando-a concreta. Nesse sentido, ela não apenas reflete a formação da sociedade, mas a justifica, porque influencia modos de pensar, de viver e de agir. Por exemplo: a atitude paternalista que se tem em relação aos nordestinos não revela que o povo não tem acesso à água porque 90% dos poços de água estão dentro de propriedades privadas. A justificativa é que o solo é pobre e as pessoas do nordeste são preguiçosas.

Ricoeur acredita que a ideologia é simplificadora e esquemática. Por exemplo: os migrantes ameaçam a nova ordem social estabelecida pelo neoliberalismo. Essa retórica e uso de máximas e *slogans* não levam à reflexão, porque se o fizessem seria questionadas. É um discurso persuasivo e intimidador. O jornal argentino *El Cronista* apud Istoé diz que “a

³¹ O país injusto, 2001, p. 72.

³² Brandão, 1998, p. 24.

melhor maneira de enfrentar a crise é apertar os cintos e esperar a turbulência passar. Enquanto isso é bom rezar.” A matéria continua afirmando que a brincadeira do periódico “encaixa-se como uma luva na situação vivida pelo México.”³³

No dia 18 de janeiro de 1995, a revista Istoé publicou uma matéria intitulada “O pânico dos pequenos.” Pelo título, percebe-se que a culpa da crise financeira é atribuída exclusivamente ao México, enquanto os EUA e seu presidente na época, Bill Clinton, como de costume, são “desenhados” como os “anjos-da-guarda” do planeta, porque prometem segurar a crise mexicana para acalmar os investidores, permitindo que os índices voltem a subir. Nessa matéria tendenciosa, lê-se que são “bastante visíveis os estragos do efeito tequila nas demais economias do continente.”³⁴ Aqui prevalece a ideologia da classe dominante, que não dá espaço para outras abordagens acerca da crise econômica mexicana.

Para Ricouer, o caráter negativo da ideologia emerge no momento em que ideologia-integração/ideologia-dominação se cruzam. Aqui vem à tona a dissimulação do aspecto pejorativo da ideologia. Existe um pensamento fundador e uma tradição que vem estabilizando, porque é refratária ao novo e ao perigo. Assim, ela se transforma em dominação.

Em si, a ideologia não é malévola, enquanto possibilitar a integração para aglutinar pensamentos. No momento em que ela divide a sociedade: de um lado a produção intelectual e do outro a mão-de-obra cria relações de dominação. Nesse sentido, ideologia e autoridade estão juntas, o que resulta no acionamento do sistema justificativo da dominação e, por conseguinte, aciona o caráter de distorção e dissimulação.

A mídia tem uma ideologia e usa sua autoridade, acionando uma conduta, como forma de justificar a sua dominação. Entende-se por que a mídia começa a dizer que o mexicano é bêbado, indolente, o nordestino é preguiçoso, o negro é bandido... E uma lista interminável de estereótipos.

Quando se referiu às regiões empobrecidas do Brasil, sobretudo o Nordeste, o Ministro da Segurança Alimentar e do Combate à Fome, José Graziano da Silva, declarou: “Temos que criar empregos lá; temos que gerar oportunidades de educação lá; temos que gerar cidadania lá. Porque, se eles [os migrantes pobres e excluídos] continuarem vinda [sic] para cá, nós vamos ter de continuar andando de carro blindado.”³⁵ Nessa declaração está impressa a visão estereotipada que se criou em torno do migrante da região Nordeste do

³³ Em busca do crédito perdido, 1995, p. 72.

³⁴ O pânico dos pequenos, 1995, p. 76.

país: um intruso violento. O Ministro expressa, em seu discurso, sentimentos xenófobos, menosprezando as populações pobres itinerantes. Além de não sugerir formas para eliminar a migração forçada, separa os seres humanos em dois grupos: os superiores e os inferiores. Os primeiros, têm segurança e regalias [carro blindado]. Os inferiores [migrantes nordestinos] devem permanecer afastados do progresso, porque são perigosos e violentos.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, confirmamos as hipóteses de que a mídia impressa nacional produz estereótipos de que o migrante é um transgressor, um intruso, um estorvo, uma ameaça para a sociedade e responsável por muitos problemas, como o desemprego. Assim, exerce uma forma de violência contra a dignidade de cidadãos desprezados e humilhados.

Assim, a mídia reproduz que as pessoas são pobres porque querem, estão na miséria porque querem, porque não sabem trabalhar, porque são preguiçosas e migram porque querem. Pela análise realizada nesse trabalho, percebe-se que a mídia impressa nacional se aproveita da dramática situação do estrangeiro, que não tem espaço nela para contar sua verdade, divulgando que ele é o sujeito da miséria e da pobreza, quando é vítima de um sistema que privilegia o lucro e o capital. A culpa da miséria e da violência é colocada sobre os ombros dele próprio, e acaba-se reproduzindo essa ideologia hegemônica e maquiavélica como uma verdade incontestável. Por isso, rejeita-se o migrante.

Despidos de senso de humanidade, os *mass media*, Segundo Chomsky, coagem o rebanho assustado à submissão e ao silêncio alienador. Quietos diante da TV, do jornal ou da revista, os leitores são presas fáceis de um discurso unilateral, fragmentado, que apresenta um único pensamento dominante, portanto, violento.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BETING, Joelmir. **Os lados da bola**. Sessão: secos e molhados. Pioneiro, Caxias do Sul, 16 jun. 2003.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 7 ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1998.

³⁵ Witte, 2003, p. 12.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. 3 ed. São Paulo: PAZ E TERRA, 1999.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CHOMSKY, Noam. **Controle da mídia: os espetaculares feitos da propaganda**. Trad. Antônio Augusto Fontes. Rio de Janeiro: Graphia, 2003.

Em busca do crédito perdido. Revista Istoé. São Paulo: 11 de janeiro de 1995.

FERRÉS, Joan. **Televisão subliminar: socializando através de Comunicações Despercebidas**. Trad. Ernani Rosa e Beatriz A. Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

IANNI, Octavio. **A sociedade global**. 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1999.

KEY, Wilson Bryan. **A era da manipulação**. Lisboa: Scritta, 1990.

MAJELLA, Rodrigo Pena. **Fronteira em transe**. Folha de São Paulo, São Paulo, 8 jul. 2002.

MEDEIROS, Jânio. DUARTE, Leticia. **Migração: a busca pela sobrevivência**. Revista Expressão – laboratório do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo. Caxias do Sul: v. 16, n. 8, p. 16-19, jan/dez. 2002.

MILESI, Rosita; SHIMANO, Maria Luiza (org.). **Migrantes cidadãos**. São Paulo: Loyola, 2001.

O país injusto. Revista Veja. São Paulo: 28 de novembro de 2001.

O pânico dos pequenos. Revista Istoé. São Paulo: 18 de janeiro de 1995.

PASTORE, Karina. **Migrantes 3 por 4**. Revista Veja. São Paulo: 14 de dezembro de 1994.

PRENCIPE, Lorenzo. **Mídia e migração: uma relação difícil**. Revista Travessia. São Paulo: v. XV, n. 43, p. 37-43. CEM, mai./agos. 2002.

RIZZO, Adriana. **Exclusión/Inclusión. El caso del inmigrante en la Argentina de los tiempos de la globalización: sus huellas en los discursos mediáticos**. Trabalho apresentado no NP13 – Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das Minorias, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, p. 4 e 5. set.2002. Trad. Eléia Scariot.

SUESS, Paulo. **CONTEXTUALIDADE, GRATUIDADE, UNIVERSALIDADE: discernimentos, tarefas e respostas da comunidade missionária no mundo global.** Brasília: CSEM, 2001.

WITTE, Dom André de. Direito de ir e vir. **Boletim Vai-Vem.** São Paulo: SPM, 2003.